



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS

A Escrivência de Carolina Maria de Jesus no *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*

Jéssica Santos Carvalho¹

Zoraide Portela Silva²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Nos utilizamos da proposta do conceito de Escrivência de Conceição Evaristo, para quem a Escrivência se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, sem esquecer a oralidade e a ancestralidade. Consultamos, também o trabalho de outras feministas negras como Bell Hooks e Lélia Gonzalez. Para a metodologia, nós apoiamos na pesquisa qualitativa proposta por Pedro Demo. Dentre as categorias de análise textual propostas pela teoria literária, serão retratados fragmentos do diário de Carolina Maria de Jesus, além de abordar as condições socioeconômicas em que Carolina viveu e a importância da leitura e escrita em sua vida.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Escrivência; Feministas Negras; Quarto de Despejo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the work *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* by the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. We use the proposal of the concept of Escrivência by Conceição Evaristo, for whom Escrivência is carried out as an act of writing the black women, without forgetting orality and ancestry. We also consulted the work of other black feminists such as Bell Hooks and Lélia Gonzalez. For the methodology, we relied on qualitative research proposed by Pedro Demo. Among the categories of textual analysis proposed by literary theory, fragments of Carolina Maria de Jesus's diary will be portrayed, in addition to addressing the socioeconomic conditions in which Carolina lived and the importance of reading and writing in her life.

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus VI / Caetitê- jessica98carvalho@gmail.com.

² Orientadora Prof.^a. Dr^a Zoraide Portela Silva- professora da Universidade do Estado da Bahia- Campus VI.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Escrivência; Dump Room; Black Feminists.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os desafios no que se refere a uma escrita de autoria negra, sabemos que, a produção literária das escritoras negras e escritores negros ganham corpo a partir da década de 1970, com uma literatura dedicada no combate ao racismo e na afirmação das identidades de um segmento que foi/é excluído historicamente da cidadania. É válido afirmar que a literatura negra ganha espaço nos cursos de Letras, sendo objeto de monografias, artigos, teses e dissertações. Também é uma literatura que ganha força após a obrigatoriedade da Lei Federal n. 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e que instituiu, no país, a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Pensar a literatura negra no campo das relações étnico-raciais nos traz a possibilidade de compreender a importância dessa literatura capaz de trazer às questões voltadas para o protagonismo da mulher negra, por exemplo, nos espaços do curso de Letras que, por muito tempo só teve lugar para a literatura hegemônica feita por homens brancos. A conquista das mulheres negras no campo da escrita é o fruto de um longo processo de reivindicações contra o silenciamento causado pelo patriarcalismo. O livro *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, é um dos relatos mais singulares da nossa história. O livro escrito por uma mulher negra, revela o contexto em que as favelas começavam a se alastrar, fruto do processo de urbanização e modernização que se intensificou no período de 1945 a 1964.

Frente a isso, este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Nos utilizamos da proposta do conceito de Escrivência de Conceição Evaristo, para quem a Escrivência se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, sem esquecer a oralidade e a ancestralidade.

Em relação aos objetivos específicos, a proposta é: analisar os fatores históricos e sociais que contribuíram para a representatividade da mulher negra na narrativa *Quarto de Despejo*; analisar a construção da representatividade de Carolina

Maria de Jesus, na narrativa em análise, como reflexo dos estereótipos construídos pela sociedade. Esses objetivos se desdobram em discutir os fatores históricos e sociais que contribuíram para a representatividade da mulher negra na narrativa *Quarto de Despejo*, bem como analisar a construção da representatividade de Carolina Maria de Jesus, como reflexo dos estereótipos construídos pela sociedade.

Conceição Evaristo, no ano de 2015, recebeu o Prêmio Jabuti, considerado o prêmio literário mais tradicional do país, desde a sua criação, em 1949. Nenhuma escritora negra recebeu o Prêmio em primeiro lugar, no eixo da literatura, Conceição Evaristo recebeu o terceiro lugar, no ano de 2015, pelo livro, *Olhos D'água*. Em 2018, após uma longa campanha nas redes sociais, pensando na falta de representatividade negra na Academia Brasileira de Letras, Conceição Evaristo, resolveu concorrer, mas recebeu apenas um voto contra 22 do então eleito Cacá Diegues.

Em uma entrevista, Conceição afirma, que essa falta de reconhecimento da mulher negra, no espaço acadêmico está ligada aos estereótipos em torno da mulher negra que:

samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem arte em várias modalidades, o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe. Para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro.³

Desta forma, tal discussão se faz relevante, uma vez que os estudos e pesquisas relacionadas a valorização da escrita feita por mulheres negras ainda são constantemente marginalizadas. Por tudo isso, eu tenho interesse em escritos que partem da experiência vivida e pela importância da literatura negra na educação básica, em especial a de Carolina Maria de Jesus, o seu livro *Quarto de Despejo*. A escolha desta narrativa se deu intencionalmente, pois descreve o percurso histórico de transformação social e política da autora/personagem; de uma mulher negra lutadora que não se deixou abater pelas piores situações que presenciou ou vivia.

Justifico-me ainda que, pelo fato de ser mãe, pobre nordestina, e filha de uma mulher muito guerreira e batalhadora, sinto-me instigada a trabalhar a obra de Carolina, assim como ela, preocupo-me com a educação, com a saúde, com o bem-estar da minha filha. Como ela, vivemos momentos bons, difíceis, temos medos,

³ Carta Capital. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. 13. 05. 2017. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/> > acesso em jan. 2024.

anseios. Quantas vezes já pensei em deixar de lado a graduação, e me perguntar: formar para quê? É, já pensei isso, mas o que realmente me mostra que não devo parar é ela! Minha filha! Não importa se está frio, se está calor, sei que tenho que ir à luta! Vejo que somos o retrato de uma história escrita há tanto tempo, mas tão presente em nossa sociedade, uma história interminável, pois, entre vários lugares existe uma ou diversas Carolinas.

A primeira vez que a escrita desta autora, precisamente em *Quarto de Despejo* me foi apresentada, fui tocada, pois Carolina, em sua literatura, nos mostra sempre uma síntese de si, a imagem que tem e constrói dela própria, do seu “eu” e a dos “outros”. É um livro que foi escrito na década de 60, mas mesmo assim, ele apresenta uma atualidade sobre a condição da mulher negra e críticas voltadas à percepção do cotidiano feminino.

Outro ponto mister, é chamar atenção ainda para a importância de se trabalhar cada vez mais a literatura negra nas salas de aula, visto que a população negra é marcada muitas vezes por estigmas sociais estereotipados.

Desse modo, julga-se a pesquisa pertinente ao abordar temas que poderão ser trabalhados pela pesquisadora no ensino básico, durante o processo de docência, uma vez que estou me graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Diante de tudo isso, o problema de pesquisa a saber é:

De que modo a escrita de Carolina Maria de Jesus reconfigura sua Escrivivência?

Um pressuposto para esta questão é que, ao se apropriar de suas próprias experiências e transformá-las em literatura, Carolina Maria de Jesus não apenas relata sua vida, mas também reivindica seu espaço como narradora de sua própria história, ela se torna uma figura central na representação das vozes silenciadas, evidenciando as complexidades e desafios enfrentados por indivíduos marginalizados na sociedade. Dito isso, o nosso *corpus* será composto de fragmentos do diário, em que será possível observar o processo de Escrivivência. Utilizaremos do conceito de Escrivivência por Conceição Evaristo (2020), a discussão sobre Literatura Negra Brasileira apresentada por Cuti (2010) e Luiza Lobo (1993), sobre o feminismo negro, consultamos Patricia Hill Collins (2000) Bell Hooks (1992) e Lélia Gonzalez (1984).

METODOLOGIA

A literatura negra reflete as ricas texturas da vida humana, Carolina Maria de Jesus, através de sua obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, trouxe à tona as angústias e dores de sua própria vivência. Sua escrevivência na escrita é um testemunho vívido das lutas, das dificuldades e das realidades enfrentadas por ela e por muitos na mesma situação. Ela não apenas registrou as dificuldades e as injustiças sociais, mas também revelou a força e a resiliência da comunidade marginalizada.

Desta forma esta pesquisa será realizada de forma qualitativa e exploratória que pretende evidenciar como a escrevivência de Carolina Maria de Jesus se reconfigura em sua escrita, o método escolhido abordará a interconexão entre sua experiência vivida e sua produção literária. A metodologia, pautada será a pesquisa bibliográfica, este é um caminho fundamental para sustentar as teorias o conceito de literatura negro, conceito de escrevivência e do feminismo negro.

Quanto à metodologia, advoga Pedro Demo que (1985, p.19), “trata das formas de se fazer ciência cuida dos procedimentos, das formas, dos caminhos”. Para isso, a pesquisa bibliográfica é importante, pois esta abordagem permite a coleta de informações disponíveis em fontes confiáveis, como livros, artigos, ensaios e trabalhos acadêmicos sobre Carolina Maria de Jesus e seu contexto histórico e social. Através da análise desses materiais, é possível embasar teoricamente a compreensão da relação entre a vivência de Carolina e sua expressão literária. O referencial teórico bibliográfico é indispensável, pois é por meio dele que acontecerá o levantamento e checagem das informações. Segundo Moresi (2003, p. 10)

A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aqui será abordada a historicidade do objeto de pesquisa, os principais conceitos relacionados a ele e seus principais autores, bem como a forma como esse objeto de pesquisa tem sido estudado recentemente.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) acompanha uma frente aberta por Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Alta de Souza (1876-1901), Antonieta Barros (1901-1952), Ilca Machado (1893-1980) na escrita feminina negra e na literatura brasileira, as primeiras mulheres negras que escreveram textos literários enfrentaram desafios significativos para serem reconhecidas e publicadas. No entanto, essas autoras trouxeram uma perspectiva significativa para a literatura Negra, destacando as preocupações estéticas, as alegrias e as dores inerentes das experiências humanas.

A literatura é bem mais que uma expressão artística, de emoções vividas ou criadas pelo homem, é em si a afirmação da história, da cultura comumente, assume seu caráter social, ao estabelecer críticas e indiretas a sociedade vigente.

Reconstruir uma identidade negra numa sociedade que historicamente considera o afrodescendente como inferior não é fácil, por isso esse processo não acontece de uma hora para outra, pois existe um longo caminho em busca da afirmação histórica de um povo que vive a marginalização de uma sociedade que subjuga o negro e todas as suas raízes.

De início para se tratar do conceito chave deste artigo será utilizado o livro *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. O conceito de "Escrevivência", cunhado por Conceição Evaristo, é fundamental para compreender a relação entre a escrita e a experiência de vida, especialmente no contexto da narrativa de Carolina Maria de Jesus.

Essa expressão de Evaristo ressalta a ligação profunda entre a produção literária e a vivência real, onde a escrita se torna uma ferramenta que abraça e dá voz às histórias marcadas por experiências de subjugação e sofrimento, em particular aquelas decorrentes da escravidão moderna e suas consequências. A escritora comenta a origem do termo *Escrevivência* e como ele vem influenciando a escrita das mulheres negras, assim como o estudo da literatura nas universidades, considerado por Conceição como registro simbólico de criação da *Escrevivência*, faz referência ao

“processo de assunção da escrita pelas mulheres negras, revolucionário, que as desloca do lugar de onde falavam antes, que permite colocá-las como donas da própria escrita”. Segundo Duarte e Nunes (2020, p. 30) afirmam:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Araújo e Santos destacam que o conceito de Escrevivência sob a visão de Conceição Evaristo requer discussão e confronto de ideias que expressam a coletividade de um grupo, deixando de lado a individualidade do homem.

Deste modo, o conceito de Escrevivência na obra de Carolina, torna se fundamental para a estrutura dessa narrativa. A autora busca dar visibilidade aos silenciados e invisíveis a sociedade, compartilhando os desejos e as injustiças dos menos favorecidos,

Nesse sentido, será pensado o Diário de Carolina como a escrevivência de uma mulher, que por ser mulher, está com três filhos para criar; que por ser negra, é considerada suja por suas vizinhas nos xingamentos que ouve; que por ser pobre, luta pela sobrevivência diária, pelo alimento diário, seu e de seus filhos; que, por sentir e compreender sua situação, escreve suas dores e sonhos em seus cadernos e lê os livros que tem em seu barraco, segundo as palavras de Conceição Evaristo (2020) “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

As palavras de conceição mostram a visão de que a escrita autêntica e honesta pode ser uma forma poderosa de resistência e de luta por justiça e igualdade, se fazendo com que a escrita de Carolina com as histórias e vivências dos marginalizados tenha o poder de perturbar a ordem estabelecida, desafiando as narrativas dominantes e dando voz aos excluídos incentivando uma leitura que questione as estruturas de poder injustas e que desafie as normas estabelecidas.

Se falar e estudar sobre escrevivência é urgente, pois é uma escrita que se propõe a narrar o cotidiano das mulheres negras, olhando para o passado, para os corpos que foram escravizados, e problematizando a presença desses corpos negros no tempo atual, no meio social. Carolina escreveu seu livro antes do conceito escrevivência começar a ser desenvolvida e talvez, não tida a intenção de ficcionalizar a sua escrita, ainda assim é uma escrita que foi e vai além de si

própria, encontrando ecos, ressoando em outras histórias pessoais, traduzindo em escrita a realidade de um coletivo, como propõe Evaristo.

A Escrivência, no terreno da escrita, é construção, é formulação, é recuperação da humanidade do sujeito negro construída muitas vezes de forma deturpada pela autoria branca, enquanto reinscreve esse sujeito afrodiaspórico numa narrativa que o contempla, representa e convoca. [...] se analisarmos a quantidade de estudos que envolvem a assunção do conceito de Escrivência, chegaremos a uma conclusão que traga até nós a certeza de que a escrita do subalternizado rompeu a retórica canônica e assinalou a importância da reflexão sobre as experiências coletivas, mesmo que amalgamadas a tantas outras que podem ser individuais. [...] A escrivência de Conceição Evaristo pretende desalojar a narrativa dominante que coloca o corpo negro em condição de subalternidade, enquanto torna visíveis as diversas experiências desse corpo que deseja narrar suas subjetividades.

Esse trecho destaca que a Escrivência é apresentada como uma ferramenta poderosa que desafia a hegemonia da narrativa branca e busca redefinir a forma como as experiências do sujeito negro são representadas e compreendidas. Ela visa criar espaços narrativos que reflitam a multiplicidade e autenticidade das vivências, fazendo ecoar as vivências as experiências as lutas as vitórias e as Escrivências de um povo que tanto buscou, lutou e continuam lutando para que suas vozes, suas escritas, narrativas e reflexões sejam cada dia mais estudadas, buscadas, e compreendidas, pois a compreensão é a base de tudo.

A obra de Carolina sempre traz fragmentos o quanto ela deixava tudo para ler ou escrever:

(...) Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo! (JESUS, 2014, p. 22).

Ou seja, evitava interações superficiais ou sem sentido, preferindo em vez disso dedicar tempo a atividades que proporcionam um maior enriquecimento pessoal a fazendo se sentir melhor.

Ela deixava claro que um dos momentos mais silenciosos para escrever era a noite, quando havia mais silêncio:

“Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silêncio”. (Jesus, 2014, p. 31).

Neste fragmento, Carolina encontrava prazer em observar as estrelas brilhantes durante a noite, se tornando uma fonte de inspiração, admiração, e silêncio, o que fazia seus pensamentos mais leves a deixando sem distração.

Segundo o trabalho intitulado *As Representações Identitárias da Mulher Negra*, de Adriana Souza e Josimara Mendes, a literatura negra surge como um manifesto que faz do negro o sujeito de uma história na construção de uma identidade. Deixando assim de ser objeto para resgatar o respeito histórico de seus ancestrais por séculos esquecidos nos porões. Faz-se necessário o reconhecimento de uma literatura que, ao longo dos séculos, construiu-se por estigmas, mas que é carregada de expressividade e elementos autônomos de um povo que construiu a história brasileira, a narrativa negra se constrói.

Luiz Silva, o Cuti, prefere adotar o termo literatura negro-brasileira. Para Cuti (2010), é negro-brasileira a literatura produzida por autores que se assumem negros em seus textos, e o autor é contra a utilização do prefixo “afro” para se referir a tal literatura, com os argumentos de que isso pode projetá-la à origem continental e deixa lá à margem da literatura brasileira, dando a ideia de que a vertente negra é um mero apêndice da literatura africana.

Compreendemos que Cuti (2010) não despreza a tradição oral, mas atribui menos importância que outros teóricos mesmo na questão da influência da oralidade nos textos escritos. Em relação ao que Cuti chama de literatura negro-brasileira, o escritor afirma que é fundamental percebê-la no âmbito da literatura nacional da qual ela faz parte, e o destaque do elemento negro se explica porque:

Destacá-la é revelar o que o Brasil esconde de si mesmo pela ação do racismo do qual a cultura nacional está impregnada, como também alertar para o como a reação escrita de uma subjetividade subjugada redundou e redundará na prática de formas que atendam não ao chamado de uma herança africana, mas à necessidade de uma ruptura com o processo de alienação que o racismo provoca. (CUTI, 2010, p. 46)

Para Cuti, a literatura negro-brasileira é uma literatura que busca reverter o preconceito e se colocar como uma ferramenta contra o racismo e contra a alienação, valorizando pelo texto literário uma população cotidianamente discriminada em todas as fases da história brasileira. Mesmo com os pontos questionáveis, Literatura negro brasileira é uma obra em que Cuti mantém seu posicionamento, argumentando com coerência ao definir o racismo e a experiência de ser negro no Brasil como matéria e condição fundamentais da literatura tomada como referência sem dúvida, é uma importante contribuição às discussões. Diante destes fatores e de outros se percebe-se que não basta ser afro descendente ou simplesmente utilizar o tema.

No que se trata o livro *Quarto de Despejo*, escrito por Carolina Maria de Jesus, está expressa a temática negro, abordando temáticas sociais igualmente importantes. Uma literatura voltada para a minoria escrita por uma mulher negra, socialmente desfavorecida, submetida ao sexismo, racismo, de uma linguagem que sensibiliza, que faz com que o leitor se volte para suas vivências, apresentando assim a voz feminina, é perceptível entender que no espaço literário muitas das representações sobre a negra trazem consigo os problemas que esse contingente de mulheres enfrentou e ainda enfrenta no decorrer de nossa evolução social.

De acordo Patrícia Hill Collins (2000), em seu material *Epistemologia Feminista Negra*, o pensamento feminista negro pode ser visto como um conhecimento subjugado. Tradicionalmente, a supressão das ideias de mulheres negras no interior de instituições sociais controladas por homens brancos levou as mulheres afro-americanas a usar a música, a literatura, as conversas e os comportamentos do cotidiano como espaços importantes na construção de uma consciência feminista negra.

Recentemente, nos espaços acadêmicos, têm ocorrido discussões importantes sobre o ativismo intelectual de feministas negras e a escrita das mulheres negras. Elas têm lançado livros de poesias e romances, o qual ficcionaliza os atos de violência sofridos pela população negra. Segundo o Atlas⁴ da violência de 2020, jovens negros estão entre as principais vítimas de homicídio no Brasil e as mulheres negras representam 68 % do total das mulheres assassinadas no Brasil. A intelectual brasileira Lélia Gonzalez discute que a presença do braço armado na sociedade não protege a população negra, ao contrário, se apresenta:

para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante à utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais. (GONZALEZ, 1984, p. 232).

Em vista disso, no contexto brasileiro, não existe igualdade jurídica para todos, existe sim, uma falácia em relação ao mito da democracia racial. Os negros e

⁴ O **Atlas da Violência** é um portal que reúne, organiza e disponibiliza informações sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública. Foi criado em 2016 e é gerido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com a colaboração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) [Ipea - Atlas da Violencia v.2.7 - Sobre.](#)

a negras vem sofrendo ao longo dos tempos os atos de violência, aqueles que foram e são até hoje colonizados de forma desumana.

Atualmente, vários pesquisadores têm chamado atenção para o silenciamento dos saberes produzidos pela comunidade negra, quando busca oprimir e sentenciar a morte física e intelectual de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, ao determinar que a sua escrita não tem valor literário, mesmo quando *Quarto de Despejo* foi um sucesso de vendas e foi traduzido para mais de treze línguas.

Assim, o estudo do livro *Quarto de Despejo*, ajuda a compreender, através do discurso da autora, a realidade da mulher negra, a partir da perspectiva de uma escritora negra. Carolina Maria de Jesus, enquanto mulher negra, busca por sua autoafirmação, em seu livro ela apresenta diferentes conflitos: raciais, de gênero, sociais e políticos, mostrando a sua militância em favor de mulheres em igual situação de inferioridade.

REPRESENTAÇÃO FEMININA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Carolina Maria de Jesus, Mulher negra, mãe solo, semialfabetizada e favelada, e catadora de lixo recicláveis, semelhante a tantas outras Marias, Carolinas, a tantas outras mulheres que somam aos números da desigualdade social no Brasil. Carolina, mãe solo, a catadora de lixo e favelada, a escritora e contestadora política, como mãe solo.

Carolina teve três filhos: o primeiro João José, em 1948, seu pai foi um marinho português; do envolvimento com um italiano nasceu José Carlos, em 1951; de um americano, teve sua primeira filha que nasceu morta, cujo nome seria Carolina, e em 1953, nasce Vera Eunice, filha de um empresário espanhol. Uma escritora cujas narrativas fortes e dolorosas, chamam a atenção para a condição humana, que buscou através da sua escrita, expor suas indignações, e dessa forma denunciar as mazelas impostas pelo descaso das autoridades, o esquecimento pelo qual ela e todos aqueles que viviam nas favelas, cenário de desigualdades e más condições de vida que passavam. Sobre os políticos só procurarem no período de campanha:

“Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. (..)”
(p. 39)

Segundo o texto *A escrita Empoderada* de Carolina Maria de Jesus : *A Voz da Resistência no Cenário das Impossibilidades* de Níncia Borges Teixeira, descreve o quanto a escrita caroliniana é usada como arma voltada para denunciar os descasos políticos que nada fazem pela São Paulo existente nas favelas, trancafiadas nos quartos de despejos como se fossem resíduos da sociedade.

“— Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter. (p. 148)”

“...De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operários”. (JESUS, 2014, p. 34)”

A autora juntava suas anotações pessoais e sobre a favela estabelecendo críticas aos descasos sofridos apresentando o contraste entre a periferia e o grande centro tecendo críticas aos políticos e a condição social.

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados.”
(JESUS, 2014, p. 170)

Segundo o jornalista Audálio Dantas, ninguém mais poderia retratar a realidade da favela do que Carolina “a favela e a fome era sua realidade”.

Para Luiza Lobo (1993) a escrita de Carolina é uma escrita de vivência, este diálogo entre a literatura e a fome; ânsia de transformar a realidade e de fugir desta situação é que leva a autora de *Quarto de Despejo* escrever sobre si e sobre seu mundo.

(...) Meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: —Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar (...) (JESUS, 2014, p. 33).

A necessidade de transformar a própria realidade e manter se viva, por vezes, Carolina diz que escrever a fazia viver; mas não é só isso, que rege o desejo de Carolina pela escrita e a busca pela leitura.

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) E preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2014, p. 50).

Enquanto escreve, Carolina fica imaginando o como seria morar em outro lugar. Esta articulação de realidade faz com que o leitor seja envolvido e sensibilizado pela obra de Carolina a sua escrita funciona principalmente como possibilidade de ascensão social. É através da publicação dos seus livros que ela visualiza a possibilidade de sair do “quarto de despejo” e passar a viver em uma casa de alvenaria, fato que só acontece com a publicação de seu segundo livro.

Carolina utiliza sua escrita como forma de contestação, a crítica social e política e propagando os anseios individuais e da coletividade, utilizando sua escrita como forma para reconfigurar sua escrevivencia. A escrita também exerce o papel de instrumento de defesa e a certa altura do livro confessa que, não tendo força física para lutar contra os insultos, ela usa suas palavras cuidadosamente afiadas e capazes de ferir mais do que espada.

Carolina mulher independente que se esforçava para ser melhor a cada dia, buscando ser uma pessoa culta com relação às outras com quem convivia, mesmo tendo pouca escolaridade ela deixa claro a importância de ler e o quanto isso enriquece o conhecimento de uma pessoa. Carolina era apenas uma, porém com várias identidades, por ser mãe solo de três filhos e por opção, muitas vezes, Carolina era criticada pela vizinha.

Ela sempre deixava claro que não importava com as críticas, não queria que seus filhos presenciassem as violências que ocorriam tanto contra as mulheres, quanto contra as crianças na favela. Lopes (2019) em seu trabalho *A Importância da Literatura e da Escrita para Carolina Maria de Jesus: Uma Análise do Seu Quarto De Despejo*, discorre a respeito dos vários momentos do texto em que Carolina deixa claro o quanto preza a sua liberdade ao afirmar e reafirmar que cria sozinha os filhos, que mantém sozinha sua família, que é dona de si e que domina seus impulsos.

“Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.”

“Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2014, p.19).

Nesse sentido, a inserção de um homem em sua vida pode ser vista como uma ameaça, a partir do momento em que este se configura como elemento de dominação capaz de paralisar o seu processo de afirmação enquanto mulher, mãe e escritora. Em seu diário a Carolina retratava as mulheres em sua obra. Estas, como vítimas da opressão social econômica, e violência física.

26 DE JULHO ... Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com a sua esposa. Dizia que ela havia deixado seu relógio cair no chão e quebrar-se. Foi alterando a voz e começou a espancá-la. Ela pedia socorro. Eu não imprecionei, porque já estou acostumada com os espetáculos que ele representa. A Dona Rosa correu para socorrer. Em um minuto, a notícia circulou que um homem estava matando a mulher. Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. Fiquei nervosa. O meu coração parecia a mola de um trem em movimento. Deu-me dor de cabeça.
(JESUS, 2014. p. 180.)

Carolina descreve a reação física e emocional que ela experimenta diante desse episódio. Esse trecho é um testemunho do ambiente de violência e desamparo vivido por muitas pessoas em situações de vulnerabilidade social, apresentando uma dura realidade que, infelizmente, era comum na vida de muitos moradores das comunidades carentes na época e, lamentavelmente, ainda persiste em diversas comunidades ao redor do mundo. Sempre deixava transparecer o quanto estava descontente em residir na favela, principalmente pelas violências que seus filhos presenciavam, a falta de alimentos calçados e roupas era algo que a entristecia cada vez mais, pois o sonho de toda mãe é ver seus filhos tendo o que comer, e o que vestir. E nestas angústias na escrita do seu diário ela lamenta e relata uma situação:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida”
(JESUS, 2014a, p.11).

Se comprasse um par de sapatos certamente faltaria pra comprar o alimento que cada vez estava mais caro, como se diz trabalhamos para viver, e vivemos para trabalhar. Sem contar inúmeras vezes em que a fome se torna a grande protagonista e ao mesmo tempo a vilã da história. Passar fome, comer o que era encontrado no lixo, o medo de morrer sem saber o que havia ali, eram lamentações ou desabafos frequentes na escrita do seu diário como nestes trechos que Carolina diz:

“Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer” (JESUS, 2014a, p. 39).

Seguindo duas páginas ela escreve:

“Achei um cará no lixo, uma batata-doce e uma batata solsa” (JESUS, 2014a, p. 41).

Fica evidente o que a fome leva a pessoa a fazer, sem receio de comer o que os outros deixaram, nem examinam apenas comem em meio a fome, preconceitos, críticas e várias lutas para conseguir alimentos, Carolina sempre acordava muito cedo para conseguir dinheiro para o sustento dos seus filhos mesmo não estando disposta, como neste trecho que ela diz:

“Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma lata, e lenha. Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades.” (JESUS, 2014, p. 11).

Carolina sempre se preocupava com a educação dos seus filhos e prezava para que eles estudassem, e sempre buscou ensina-los valores que julgava importantes, para que seus filhos não seguissem mal caminhos. Em seus escritos Carolina buscava forças e motivos para enfrentar os limites a ela impostos, financeiros e social, para ela estes objetivos um dia fosse alcançado tudo o que Carolina escrevia fazia parte da sua vivência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade está nas inconclusões, nem um tema se esgota, ele sempre se desdobra, Quarto de despejo é um destes objetos amplos e multifacetados, neste caso um universo condensado em livro.

A favela é real, as angústias e a fome, bem como, a saga da mulher, mãe, negra e favelada Carolina, igual, a tantas que viviam no Canindé, as misérias humanas são reais o descaso social é real, o preconceito e os abusos são uma realidade.

Temos que considerar a particularidade da linguagem de Carolina a sua escrita, sua temática central é a realidade da favela, o senso de realidade na obra de Carolina é o que emociona, sensibiliza o leitor.

Acredito que eu não fui a única a me emocionar com Carolina, lendo seu diário, escrevendo meu artigo e imaginando, a dura realidade a qual ela foi submetida, e tantas outras passam pela mesma situação, a rotina dura de todos os dias independente da sua condição de saúde, se estava chovendo ou não, o sustento ela tinha que conseguir e que através da escrita que ela formula e reformula sua realidade marginal, processa e reprocessa suas dores e angústias

Sou mãe, alguns dizem que fui mãe nova, outros dizem que é bom ter filho cedo mesmo, e por ai vai, uma coisa eu digo assim como Carolina não abro e nem abriria mão de ser mãe por nada, acredito que esta responsabilidade me deixou mais madura e olhar a vida de uma forma mais além, assim como Carolina a alegria da minha filha é minha alegria, e está concluindo mais esta etapa da minha vida é mais uma alegria.

Neste artigo busquei saber de que modo a escrita de Carolina Maria de Jesus reconfigura sua escrevivência.?

No decorrer deste artigo pude entender compreender e encontrar as respostas para responder esta pergunta , Carolina transforma sua experiência de vida em uma narrativa poderosa e crítica, e é através da sua escrita que Carolina mostrou seu empoderamento, se tornando protagonista da sua história, denunciando as condições sociais, trazendo em seus escritos a pobreza, as injustiças a discriminação e a violência, mostrando que uma mãe solo pode criar sozinha seus filhos, pode enfrentar as barreiras do preconceito, e da subalternização, se afirmando como mulher negra e da favela, mostrando não somente as dificuldades enfrentadas , mais com o testemunho que lá tem pessoas que ajudam, que dentro da favela também tem humanidade.

Diante de tudo isso a narrativa de Carolina é autêntica e poderosa no qual proporciona uma perspectiva única e desafiadora sobre as experiências das populações marginalizadas no Brasil, e que sim a escrita de Carolina reconfigura sua

escrevivência pois vai além de uma simples narrativa; é uma afirmação de identidade, um desafio aos estereótipos e uma denúncia das injustiças, tudo isso incorporado em suas palavras, que transcendem as páginas para impactar profundamente quem as lê, o quanto a vivência foi importante para a construção da narrativa, quanto de despejo é imparcialmente a voz negra, faminta e feminina, isso só é possível porque Carolina experimentou em sua vida a leitura do prazer e do poder, criando e recriando uma leitura democrática.

Não esquecendo que a os fragmentos retirados do diário de Carolina seguiram fielmente a linguagem utilizada pela autora no seu vocabulário mesmo na representação da linguagem escrita, características da oralidade.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CANDIDO, Antônio. “**o direito à literatura**”. Vários escritos. São Paulo, Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Francisco Ribeiro da Costa. **O RACISMO PRESENTE NAS HQS (HISTÓRIAS EM QUADRINHOS)**. Universidade Federal de Campina Grande. II Cintendi- Congresso Nacional de Educação Inclusiva, 2016.

CAXIAS, Adriana Souza; Mendes Josimara Evangelista (Org). **As Representações Identitárias da Mulher Negra**. 2012.51 f Monografia (Graduação em letras português) – São Paulo, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **The Black Feminist Thought**. London: Routledge, 2000.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo selo, 2010. (coleção em debate/ coordenada por Vera Lúcia Bedito).

DEMO, P. (2004). **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2.ed. Campinas, SP: Editora Papyrus, 135p. ISBN 85-308-0624-7.

DUARTE, constância Lima; NUNE, Isabella Rosado (Org). **Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. (2020). A escritvivência e seus subtextos. In: Duarte, C.; Nunes, I. (org.). **Escritvivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

GONZALEZ, **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 2014.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPES, Elisângela Aparecida. **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA PARA CAROLINA MARIA E JESUS: UMA ANÁLISE DO SEU QUARTO DE DESPEJO**. 2019.

MORESI, E. **Metodologia de pesquisa**. Série didática, UCB, 2003. 108 p. Disponível em: Acesso em: 15 maio 2012.

SILVA, Carlos Fernando Ribeiro. **Contradições em Carolina Maria de Jesus**. 2013. 32f. Monografia (Graduação em letras português) - UNB, Brasília, 2013.